CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MARTIN SCOSESE, ENTRE A RAIVA E O SILÊNCIO
3 e 9 de Setembro de 2026

ITALIANAMERICAN / 1974

Realização: Martin Scorsese *Argumento*: Mardik Martin, Larry Cohen e Martin Scorsese *Fotografia*: Alex Hirschfeld *Som*: Lee Osborne *Montagem*: B. Lovitt *Fotógrafo de cena, Electricista*: Martin Andrews *Fotografias de arquivo*: família Scorsese Receita do molho de tomate (transcrita no genérico final): Catherine Scorsese *Com*: Catherine Scorsese, Charles e Martin Scorsese (*não creditado*).

Produção: Saul Rubin e Elaine Attias (EUA, 1974) *Produtor Associado*: B. Lovitt *Assistente de produção*: Susan Rubin *Cópia*: em DCP, colorida, versão original, legendada electronicamente em português *Duração*: 49 minutos *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira apresentação na Cinemateca*: Abril de 1991 ("Scorsese Por Scorsese").

AMERICAN BOY: A PROFILE OF STEVEN PRINCE / 1978

Realização: Martin Scorsese *Argumento (tratamento)*: Julia Cameron, Mardik Martin *Fotografia*: Michael Chapman *Som*: *Montagem*: Amy Jones, B. Lovitt *Fotógrafo de cena, Electricista*: Martin Andrews *Com*: Steven Prince e Julia Cameron, Mardick Martin, George Memmoli, Martin Scorsese (não creditados).

Produção: Bert Lovitt (EUA, 1978) *Cópia*: em DCP, colorida, versão original, legendada electronicamente em português *Duração*: 55 minutos *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira apresentação na Cinemateca*.

***filmes de* MARTIN SCORSESE**

O TEXTO DE ITALIANAMERICAN EM DISTRIBUIÇÃO FOI ESCRITA POR MANUEL CINTRA FERREIRA NOS ANOS 1990 QUANDO O FILME FOI APRESENTADO PELA PRIMEIRA VEZ NA CINEMATECA.

Se todos os filmes de um autor são, de uma forma ou outra, autobiográficos, no caso de Martin Scorsese essa relação é ainda mais afirmada, sendo ainda mais evidente em ITALIANAMERICAN na medida em que Scorsese faz da sua família e das suas origens o próprio tema e intérpretes. Aliás, juntando-se a AMERICAN BOY, realizado quatro anos depois, ITALIANAMERICAN forma o que é conhecido como o "Álbum de Martin Scorsese".

O ponto de partida para ITALIANAMERICAN foi um projecto do The National Endowment of the Humanities que em 1975 pediu a vários cineastas para escolherem um tema relacionado com a emigração. Em princípio os filmes deviam andar à volta de meia hora cada um, tratando das várias comunidades de emigrantes nos EUA. Juntos deveriam constituir uma emissão de televisão intitulada "Storm of Strangers", integrada nas comemorações do segundo centenário dos EUA.

Para Scorsese o projecto era uma forma de inquirir, mais uma vez, sobre as suas próprias origens e renovar o olhar da ficção sobre o real ou vice-versa. Em vez de partir do documentário habitual ilustrativo e com voz *off*, Scorsese preferiu "ir a minha casa, em Nova Iorque, no Lower East Side, almoçar com a minha família e pedir ao meu pai e à minha mãe que me falassem dos meus avós. Desta forma podiam contar, diante da câmara, com a ajuda de fotografias de família, as histórias que já me tinham contado ao longo dos anos. É um documentário simples, sem afectação, feito essencialmente de diálogos, que começou por ter por tema a emigração e que se tornou um filme sobre duas pessoas que viveram juntas quarenta anos, sobre as relações entre si e comigo. É um filme estranho e divertido".

Mas não são, tanto o ponto de partida como a transformação de objectivo, de forma alguma alheios ao cinema de Scorsese. Para já, a própria escolha dos pais. Bem vistas as coisas, e os filmes de Scorsese, a sua família é, directa ou indirectamente (através da evocação das origens) o seu tema principal: MEAN STREETS, TAXI DRIVER, RAGING BULL ou GOODFELLAS, demonstra esse apego às origens. E em alguns dos seus filmes os pais aparecem como figurantes, em papéis que, por menores que sejam, ultrapassam a mera função de presença e/ou homenagem. Lembremos a voz *off*

da mãe de Scorsese, como mãe de Rupert em KING OF COMEDY, aparecendo também em MURRAY, WHO'S THAT KNOCKING AT MY DOOR?, MEAN STREETS e GOODFELLAS.

O próprio estilo de filmagem de ITALIANAMERICAN é bem característico de Scorsese. A todo o momento o filme deixa transparecer a ideia de um "improviso controlado", isto é, tudo está rigorosamente planeado, mas tudo evolui, no seu interior, segundo uma lógica independente do objectivo. O encontro e o local (a casa dos pais), as questões a colocar (as origens da família), mas o "argumento" vai adquirindo vida própria, desviando-se e regressando ao ponto de partida, improvisando-se novas questões ao sabor da memória, que chegam a trazer histórias que Scorsese desconhecia, como o verdadeiro nome do avô que ficamos a saber ao mesmo tempo de Scorsese. Improviso também na captação dos rostos, mas controlado por personagens que sabem entrar no "jogo" (as imagens de abertura que nos apresentam a mãe de Scorsese), e nessa forma como Scorsese assume simultaneamente o papel de "director" e "participante", fazendo confundir o efeito de real e o de ficção, ao aparecer ora como interlocutor visível (pondo questões) e invisível (atrás da câmara) ora intervindo no diálogo, sublinhando uma determinada expressão ou efeito de linguagem. ITALIANAMERICAN ou a arte da conversação no cinema.

Conversação e memória. A história da família revivida no diálogo e nas evocações da Sicília dos seus antepassados, de costumes e de modos de vida (a receita final de almôndegas). E a história também de um grupo social através das imagens que o filme nos dá e comenta, da situação dos italianos em Nova Iorque, nessa "little Italy" sempre citada na obra de Scorsese. ITALIANAMERICAN é para Scorsese como a terra para o gigante Anteu, um regresso revigorante às forças primitivas. Não uma forma de exorcismo, mas a busca de uma energia primitiva. Energia que lhe permitir iniciar a descida aos infernos a que TAXI DRIVER logo a seguir, o obrigar.

Manuel Cintra Ferreira

Tem razão Manuel Cintra Ferreira, na “folha” de ITALIANAMERICAN escrita nos anos 1990. As origens, a família, a casa dos pais na nova-iorquina Little Italy dos anos 1970 são a matéria do “improviso controlado” que está no coração do filme. É um título precioso da filmografia inicial de Martin Scorsese em que vibra a pulsão do cinema e toda a energia da mãe Scorsese, Catherine, a dinâmica de casal formado por Catherine e Charles, os pais, aos olhos do filho de quem são cúmplices neste “retrato de família” com almoço, histórias, gargalhadas, melodia italiana e a receita de almôndegas em molho de tomate oferecida aos espectadores no genérico de fim. A receita tornou-se um *hit*, é uma boa receita. E é bom cinema, que comporta a camada simultânea do retrato da imigração italiana no Lower East Side, e num plano mais aberto um retrato da imigração que fez, que faz a América, tão violentamente atacada nos seus alicerces por estes dias. Estando nas fundações do cinema de Scorsese, estamos também, em ITALIANAMERICAN, no coração da América, num coração da América.

O “milagre” de ITALIANAMERICAN não se repete em AMERICAN BOY: A PROFILE OF STEVEN PRINCE pese embora o interesse e o facto de ser um projecto consanguíneo daquele, no quadro do dito “Álbum de Martin Scorsese”. Scorsese, que parece natural tratar ainda por Martin, por ser *Martin* quem cremos encontrar nestes filmes, ensaia uma aproximação semelhante, prosseguindo nos seus círculos pessoais – um filme construído numa casa, no curso de uma visita, assente nas narrativas do visitado. Foram dois fins-de-semana de filmagem, o “grupo excursionista” entra no retrato da visita de uma noite à “George Memoli’s House Los Angeles Calif. Jan. 13, 1977”. O primeiro dos vários “cartões” que vão estruturando o filme, motivo a motivo, situa-o a abrir.

O protagonista é agora um amigo chegado, Steven Prince, que como os pais Scorsese, tem uma faceta de contador de histórias, e ao contrário deles é da geração do filho. A experiência pessoal que lhe corre nas veias, e extravasa para o filme, é carismática, aventurosa, rocambolesca, conta com drogas, sexo e rock & roll, se assim se pode resumir dando rapidamente a ideia da diferença de universo. Steven Prince é o Easy Andy de TAXI DRIVER, a personagem do vendedor de armas. É também um tipo que andou em digressões com Neil Diamond, tem um passado de toxicodependente e – todos os textos o notam – foi a pessoa que inspirou uma cena fundamental de PULP FICTION por Quentin Tarantino – a overdose da rapariga e a injecção de penicilina no coração. Além dos cartões, há “filmes de família” a pontuar AMERICAN BOY ao correr das suas histórias, traumas, alucinações tóxicas. 55 minutos de estremecimento.

Maria João Madeira